



José Lourenço

Placebo

Quando vim do Ultramar (estive na Guiné de 72 a 74) estava um pouco avariado. Hoje, fala-se da síndrome pós-traumática dos combatentes... Fosse o que fosse, o final dos anos 70 foi difícil. Se a isso juntarmos a necessidade de integração na sociedade civil, e porque na altura estava na comunicação social, aqueles anos do Gonçalvismo não foram propícios a recuperação de nenhuma síndrome, antes pelo contrário.

Médico para aqui, médico para ali, acabei (para ser sintético) nas mãos do Professor Dr. Fragoso Mendes, distinto neurologista de Santa Maria, com consultório na Fontes Pereira de Melo. Para um homem com a sua formação, mandar-me fazer yoga foi surpreendente, e só com o passar dos anos me apercebi da grandeza do seu carácter. Faleceu anos depois, vítima de um AVC, e será por mim recordado como um grande homem.

E lá fui parar ao Bairro Azul, onde o António Pedro dirigia um dos poucos (ou único) centros de yoga em Lisboa. No intervalo das posturas ou dos exercícios respiratórios, proferia pequenas palestras, citava textos de autores, como Krishnamurti, que foi um filósofo e místico indiano. *(Entre seus temas estão incluídos revolução psicológica, meditação, conhecimento, relações humanas, a natureza da mente e a realização de mudanças positivas na sociedade global. Constantemente ressaltou a necessidade de uma revolução na psique de cada ser humano e enfatizou que tal revolução não poderia ser levada a cabo por nenhuma entidade externa seja religiosa, política ou social).*

Os meus próximos anos foram passados a lamber papel já que comprava os livros que ele - António Pedro - mencionava, e através deles fixei inúmeras histórias, reveladoras do poder da mente. Apaixonei-me pela obra total de Bhagwan Shree Rajneesh (hoje conhecido como Osho) e a "panca" era tão grande que estive para comprar um bilhete de ida para Pune que, na altura, atraía inúmeros ocidentais, e continua a fazê-lo.

Felizmente fiquei por cá, a coisa foi-se controlando, mas as histórias ficaram e têm-me acompanhado toda a vida.

O poder da mente... agora não sei se hei-de contar alguma (de muitas) que fixei. Lá vai. *"A um prisioneiro dos nazis é sugerido que lhe vão fazer uma punção punitiva e que, após uma pequena martelada na nuca, ficará a sangrar, até se esvaír completamente. O que sucede pela manhã, depois de toda a noite ouvir tic... tic...tic...Gotas de um sangue vital, que se soube após a morte do pobre, que mais não era que o pingar da torneira do lavatório nas suas costas".*

Sobre temas semelhantes, poderíamos estar aqui tempos infinitos com coisas que não lembram ao Diabo. Mas estão documentadas e podem ser confirmadas.

Mais tarde entro para a Indústria Farmacêutica e, pelos muitos ensaios clínicos sobre os quais tive de comunicar, ou até outros de outros Laboratórios, verificava sempre esse facto espantoso: mesmo quando estavam em jogo fármacos fora do sistema nervoso central, antibióticos ou anti inflamatórios, o placebo utilizado tinha níveis de eficácia que se aproximavam do princípio activo em comparação. Podem confirmar isso em todos os estudos.

Faz-me lembrar, e aqui tenho de voltar a outra dessas histórias, de um cirurgião Inglês que no final dos anos oitocentos, em África, operava (sem antibióticos) com taxas de mortalidade muito semelhantes às actuais, apenas porque induzia um relaxamento prévio nos pacientes, dizendo-lhes quão mobilizado o seu corpo estava para combater vitoriosamente qualquer tipo de infecção possível.

Para não me alongar e porque cada um faz as pesquisas que quiser, quero apenas perguntar: quantos de nós estão conscientes do poder desta coisa que passeamos em cima dos ombros e que pelo nome de cabeça? Se o fizermos, principalmente num quadro isento de doença, quer dizer todos os dias e em todas as situações, garanto-vos que há uma vida nova à nossa espera. 